

TRABALHO ALIVE

À Biblioteca Pública de

Braga

9
SETEMBRO
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

O crime não pode ficar impune

Por - M. Carvalho

De vez em quando os adversários do Regime e inimigos da Nação dão sinal público da sua virulenta existência, ou porque colocam bombas que ao explodir destroem e matam ou porque aparecem na chefia e na organização de arruaças e tropelias nas Faculdades universitárias enfim, dão sinais de vida.

Umás vezes é a bombita de pouca potência, a modos de coisa que é só para amedrontar a população e avisar as autoridades quanto à capacidade ofensiva da gente do crime político e social.

Outras vezes as metralhas são mais possantes e causam mesmo grandes estragos e enormes prejuízos. Aconteceu isto muito recentemente, em vários pontos do território continental do País.

Explosões de grande potência, com os seus relógios escolhedores da calada da noite como oportunidade melhor para a vileza do acto de terror e destruição, foram colocados junto a instalações da distribuição da energia eléctrica e aí, na hora própria, danificaram essas instalações e causaram avultados prejuízos materiais.

Pelo menos Lisboa e a sua região de influência sofreram alguns transtornos no abastecimento de luz e água e todos certamente estamos de acordo em que a tal respeito tudo o que aconteça de mal é sempre um *grave mal* para a vida das populações.

Agora, quando as Universidades abrirem as provas depois deste quente e necessário período das férias escolares, é muito possível que voltem a aparecer — ao menos nas ruas e praças da agitada Lisboa — os cortejos e as públicas manifestações de protesto que os estudantes (?) contestatários, dirigidos por hábeis agentes que nem estudantes são, gostam de exhibir com frequência e assim como quem se convence de que, por causa disso, o Governo cairá no dia seguinte...

Bombas e manifestações, destruições e arruaças: a maionese tem de tudo isto, com ingredientes de recomendável excitação.

Claro está que as autoridades policiais não afrouxam a sua vigilância e desenvolvem ampla e profunda acção investigadora: a impunidade dos crimes aumenta a criminalidade e a sociedade não pode consentir no seu seio profissionais da desordem, da destruição e da morte.

Uma outra coisa é, porém, também exacta: a de que toda essa gente, melhor dizendo toda essa malta que manda colocar as bombas e a que as coloca, está a manobrar dentro de técnicas e tácticas de acção que se vão mostrando de sucessivo e melhor apuramento. Vão progredindo, os mandrins!

E talvez que, por causa disso, se vá tornando mais difícil a investigação policial e a prevenção: o inimigo criminoso já sabe novos processos de actuação e conhece melhores formas de camuflagem e mais seguros lugares de esconderijo. Deve ser isso. Bem é preciso não desesperar e dar tempo ao tempo: os bombistas serão descobertos, para que a Justiça os castigue devidamente.

Deus nos livre que assim não fosse, pois que então regressaríamos aos ignominiosos tempos em que Lisboa, como disse um político que era também um bom escritor, «estava sentada sobre bombas».

Era o período áurio da bomba, como ele dizia no título do livro de que digo a citação.

E que período! Que aurifugência!... O País precisa de se ver livre dos autênticos malfetores que por aí vão cometendo audácias criminais que podem pôr pânico a consciência das pessoas amantes da paz, da ordem e de disciplina social.

Já bastaram para vergonha da nossa História os tempos em que a bomba era argumento e a pistola em mãos populares o convite às adesões e solidariedades políticas.

Eles não se repetirão. Para isso é preciso descobrir os autores dos crimes que vão sendo praticados contra a ordem pública e a segurança das pessoas e dos bens.

Descobrir e castigar, para que se oponham aos desatinos que se fazem contra a lei as forças maiores da Justiça.

AS COISAS DA TERRA

ou, resposta a um amigo

Continuando a descrição a que me propus por inspiração de quanto escreveu o caríssimo Narciso, vou deixar as artérias que conduzem ao Rio Cávado e nas quais começaram a erguer-se os dois primeiros prédios, para lhes falar de um assunto actual e palpitante, até pela novidade que encerra.

Está constituído o grupo que ha-de levar a efeito a construção de um grande imóvel no gaveto do Largo do Dr. Oliveira Salazar — Rua Martim Moniz, ou, mais precisamente, nas casas de arrumos e em parte do edifício em alicerces que ali existem e de há muito pediam camartelo. Os terrenos estão na posse do dito grupo e os técnicos entraram na feitoria do respectivo projecto.

O edifício terá trinta metros virados ao Largo do Dr. Oliveira Salazar e doze metros de frente para a Rua de Martim Moniz. Tem tres pisos e o seu frontal é já integrado na nova rua que

sai daquele local e vai unir-se à Rua de Cintura, passando por cima de parte das oficinas ali existentes. Muita gente cá da Vila desconhece que se projecta e está para breve essa rua, como desconhece, mesmo, que respeitando o traçado que ela ha-de seguir se têm feito bastantes construções e outras se estão a fazer, de maneira a que quando a mesma surgir já estará povoada nas suas laterais.

Mas vamos ao dito edifício do gaveto. — É bastante cedo para se dizer do destino que o mesmo irá ter; no entanto, e por vontade dos seus proprietários, destinara-se-ia a fixar ali as Agências da Caixa Geral dos Depósitos e de um Banco e, ainda um super-mercado de grandes dimensões com secções de industrialização no seu último piso, merecendo especial relevo o artesanato.

Somos um centro comercial dos mais importantes a dentro da nossa categoria e não se compreende nem

aceita que certas instituições de créditos demorem as suas representações quando as têm onde há menos compensação. Os proprietários do novo imóvel estão na disposição de tudo fazer para que se acabe esta situação de desprestígio, nem que, para o efeito, tenham de oferecer as suas instalações sem olhar à remuneração.

Amplas, novas e situadas num local que não oferece contestação, estamos certos de que tudo vai correr pelo melhor. A Praça do Dr. Oliveira Salazar, principalmente na sua parte poente, começa a ter um aspecto que nos honra e que trás ao cancelho a sua primeira característica de progresso nos moldes mais modernos.

Muitos dos leitores ao verem quanto aqui se diz terão vontade de perguntar se junto a este imóvel vão continuar as paredes inacabadas que ali se encontram. Certamente que já entenderam que parte delas são absorvidas pelo dito prédio, mas as restantes serão desmanteladas e ali surgirão edifícios. Podemos acrescentar que tudo está preparado para também tais construções seguirem ainda no presente ano.

E não é tudo quanto a esta zona pois sabemos de outros projectos, também importantes e já em adiantado estado de preparação, que traremos ao conhecimento dos nossos leitores antes de acabarem as nossas intervenções nesta matéria.

Até breve.

J. Macedo

Crescente desenvolvimento da comunidade Luso-Brasileira

A união cada vez mais estreita entre os dois povos da língua portuguesa — Portugal e o Brasil — constitui, para nós, um dos acontecimentos mais consoladores da hora que passa. União que resulta da vontade imperativa de dois bons irmãos — dela poderemos colher os melhores resultados práticos, desde que saibamos caminhar com inteligência e segurança. E que assim será não nos resta a menor dúvida.

Esteve em Lisboa, integrado numa longa viagem pelo mundo, o general brasileiro José de Campos Aragão, uma das prestigiosas figuras militares que, em 1964 levaram à destituição do presidente João Goulart, cuja política comunista só contri-

buía para afastar o Brasil de Portugal.

Ao deixar a nossa capital, no aeroporto, aquele ilustre militar fez importantes declarações à imprensa diária, das quais transcrevemos alguns passos. No que respeita à política do dr. João Goulart, disse:

«O governo do dr. João Goulart foi uma infelicidade para o Brasil. Ele pactuou muito com o Partido Comunista, com o próprio Fidel Castro e com muitas das ideias do solialismo russo. E tomou tantos compromissos nesse campo que, quando um dos generais, seu amigo, o convidou, nos últimos momentos, a que utilizasse a televisão para dizer ao povo brasileiro que não

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Não é a primeira nem a undécima vez que intervenho no que me não diz respeito. Perdõe, Leitor, mas nós temos certa simpatia e até amizade por quem não é amigo nem simpático. Não é este o caso. Mas podia ser. Se me dá licença exemplifico um caso curioso a que assisto todas as semanas. Tenho

(Continua na 4.ª página)

As Estatísticas de Acidentes

Um factor valiosíssimo na prevenção de acidentes de trabalho em geral é constituído pelas estatísticas. Sem elas não se poderia saber, num determinado momento, quantos operários trabalhavam, nem em que officio, assim como a classe e importância das doenças e acidentes que se contraem, quais são os agentes produtores dos mesmos, etc..

Uma vez conhecidos todos estes dados, médicos e técnicos encontram-se em condições de assinalar os caminhos que se devem seguir para evitar que se repitam.

Podem contribuir, por outro lado, para determinarem se a introdução de novos métodos de trabalho, ou novas máquinas, diminui ou aumenta a segurança e higiene nalguns sectores de trabalho.

O ideal seria elaborar-se trimestralmente um resumo estatístico de todos os acidentes de trabalho e doenças profissionais ocorridas nas respectivas indústrias, resumo esse que compreenderia os seguintes aspectos.

1. Causas do acidente.
2. Lugar da lesão.
3. Natureza das lesões.
4. Qualificação da incapacidade.
5. Duração da incapacidade.
6. Hora do acidente.
7. Hora de trabalho do acidente.
8. Tempo que levava o operário ocupado nesse trabalho.
9. Dia de semana.
10. Doenças profissionais.
11. Doenças do trabalho.

Telefone dos Bombeiros V. de Amares 62162

ANEDOTAS

Um cego ensina o um labrego o caminho da praça.

—Vosmecê vai por aqui fora, sempre a direito quando lhe tiver cheirado uma vez a iscas três a botica e uma a aguardente atravesse que é mesmo em frente.

* * *

A avó — Então Joaninha, não dás um bocadinho da maçã a teu irmão?

Joaninha — Não, avó. Eva fez isso a Adão, e toda a gente diz que cometeu um grande pecado.

* * *

—Mamã! Não volto à escola. A professora não sabe o que diz: ontem era 2 mais 2 que fazia 4; hoje, 3 mais 1 é que faz 4!

* * *

Ao sair do quarto duma doente, o médico diz ao marido:

—Sabe? Não gosto nada da cara da sua esposa...

— Olhe, Senhor Doutor — respondeu o marido — lá que é feiinha, é, mas foi sempre muito carinhosa comigo e com os filhos!

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

SONETO

Ser humano é um ser de Deus eleito,
É ter pelas misérias compaixão,
É sentir a bater dentro do peito
Um bom, um generoso coração.

É ver, no qual é disforme, o que é perfeito,
É não recusar esmola ou coração,
É olvidar que a vida é só defeito,
É praticar o Bem com devoção.

É esquecer, cá do Mundo, o qual é vaidade,
É nas almas formar a caridade
Mostrando-lhes o exemplo de Jesus.

É dar aos pequenitos só bondade,
É não deixar esquecer a humildade,
Olhando bem de frente a eterna Cruz!

EM BRAGA

PREFIRA

RESTAURANTE AVENIDA

DE

Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131—Telefone 24357—Braga

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

de facto a primeira vez que eu deixava a pequenita sem a minha vigilância, e sem tomar qualquer cuidado especial. É claro que Flora devia estar com as criadas, por isso o que havia a fazer era procurá-la sem nos alarmarmos. Eis no que nós assentámos prontamente; mas quando, dez minutos depois, em cumprimento da nossa resolução, nos encontramos de novo no hall, apenas pudemos dizer uma à outra que, após cautelosas buscas, ambas tínhamos desistido de lhe achar o rasto. A par desta observação, trocámos mudos receios durante um instante, e eu pude compreender com que alto interesse a minha amiga me devolveu todos aqueles receios que eu logo de princípio lhe comunicara.

«Talvez esteja num dos quartos lá de cima onde a Miss não procurou,» disse-me ela em dado momento.

«Não; foi para longe.» A minha convicção estava formada.

«Saíu de casa.»

Mrs. Grose voltou:

«Sem chapéu?»

Eu, com certeza, também deixei transparecer muita coisa no meu olhar.

«Mas não anda a tal mulher sempre sem ele?»

—Flora está ao pé dela?

—Flora está ao pé dela!» repliquei.

«Devemos procurá-la.»

Tinha a mão pousada no ombro da minha amiga, mas ela não respondeu à minha insistência. Pelo contrário, disse imediatamente, duma maneira inquieta.

«Onde está o menino Miles?»

Oh, esse está com o Quint, na sala de estudo.

—Valha-me Deus!» O meu aspecto, eu própria o compreendia — e, por conseguinte, suponho, o meu próprio tom de voz —, nunca tinham atingido até aí uma tão calma segurança.

«A peça está armada,» prossegui, «puseram em prática o seu plano. O pequeno arranjou o meio mais divino de me ter presa enquanto a pequena se punha a andar.

—Divino?» exclamou Mrs. Grose desorientadamente.

«Infernal se quere!» acrescentei eu quasi com jovialidade.

«Miles tratou de si próprio também. Mas venha daí!»

Pôs-se a olhar tristemente para o alto.

«Então vai deixar o menino...?»

—Tanto tempo com Quint? Sim — não é isso que me preocupa

agora.» Em momentos assim ela terminava sempre por se apoderar da minha mão; eis por que me pôde deter naquele momento. Mas depois de arquejar um instante perante a minha súbita firmeza, exclamou ansiosamente:

«E então a sua carta, Miss?»

Por única resposta, eu, rapidamente, apalpei a minha carta, tirei-a da algibeira, e depois, libertando-me a mim própria, fui pô-la em cima da grande mesa do hall.

«O Luke se encarregará de a levar,» disse, quando voltei. Aproximei-me da porta e abriu-a; já estava nos degraus.

A minha companheira hesitava ainda: a tempestade da noite e da madrugada havia desaparecido, mas a tarde estava húmida e cinzenta. Desci a escada enquanto ela continuava no limiar da porta.

«Vai assim mesmo, sem se vestir?»

—Que me importa; não foi a menina assim também? Não me posso demorar, e, se a senhora está disposta a vestir alguma coisa, adeus. Experimente, entretanto, ir lá acima.

«Ter com eles?» O., ao ouvir isto, a pobre senhora correu imediatamente para junto de mim.

CAPITULO XIX

Fomos direiras ao lago, como o chamavam em Bly, e eu, provavelmente, já assim o chamei, também embora se tratasse de uma superfície de água menos importante do que se afigurara aos meus olhos pouco vigiados. Os meus conhecimentos sobre cursos de água eram pequenos, e o pântano de Bly, em todo caso, nas poucas ocasiões em que me foi permitido visitá-lo, sob a protecção dos meus pupilos, a bordo do velho barquito de fundo chato, ali ancorado para nosso serviço, havia-me impressionado ao mesmo tempo pela sua extensão e pelo seu marulho. O embarcador habitual ficava a uma meia milha de casa, mas eu tive o pressentimento de que Flora, onde quer que se encontrasse não se encontrava perto de casa. Nunca se me tinha escapado para qualquer pequena aventura, e foi desde o dia daquela realmente grande aventura vivida por nós ambas no lago que eu notara,

(Continua no próximo numero)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

INFLAÇÃO

Nenhum português pode ser admitido como «burro» ou ignorante. Graças a Deus temos à mão e por baixo preço dicionários que traduzem o sentido das difíceis palavras do nosso idioma, rico em substantivos e adjectivos nascidos do latim e do grego, que deixam os gramaticólogos enrascados e dizendo que desta ou daquela forma não é asneira dizer-se, escrever-se ou falar-se.

Manga larga para a asneira por culpa da originalidade linguística.

Manga larga também para a elegância dos escritórios que não gostam da cucafonía. Eu também engalinho com a repetição enjuativa e até enfadonna.

Vamos hoje ver o que é a inflação que serve de cabeça ao artigo e que tem dado origem a medidas acauteladoras aos interesses gerais da população inflamada com a inflação. Inflação: acto ou efeito de influir; Soberba, emissão exagerada de notas feitas por um banco; Nem todos os bancos podem fazer emissão. Em Portugal só o Banco de Portugal — casa da moeda — podem fazer emissões.

Presentemente a inflação de moedas para trocos não se verifica e porisso era bem preciso a inflação porque não há moedas de \$50 e 1\$00, não sabemos como o nosso banco emissor vai resolver o problema, problema que já devia estar resolvido porque há muito tempo que em todo o país à barulhos só de língua... para já, o Governo combate a inflação mas também devia combater o Banco de Portugal por não pôr moedas em circulação porque as que por aí andavam já devem estar derretidas ou guardadas e com isso, nem o Banco nem o Governo, podem meter o nariz.

Cutra inflação que podia e devia preocupar os governantes, para governo dos governados era saber a razão porque está em leilão o património rústico do país sem que haja «Sububa» nem emissão exagerada de terras que não chegam para os pretendentes que querem viver divorciados dos «patronatos». A oferta exagerada de terrenos tem um significado importantíssimo para desenvolvimento urbanístico do país, um sintoma da felicidade do homem que encontrou fora o que em casa não havia. O homem português tirou de si o jugo pesado da obediência e humildade que o humilhavam perante a liberdade de

consciência cristã. Mas se não houver cuidado com essa inflação sem bububa, temos à porta e em casa a inflação estrangeira a levar as nossas economias, aquilo que tantos tem para o trazerem de lá, para não voltarem.

BRAGA

A segunda cidade em importância, na província de Entre Douro e Minho, é sem dúvida Braga. Povoação muito antiga, posta a descansar, durante muitos séculos à sombra do Seu Paço Episcopal e da Sua Sé - Primaz das Espanhas — ergueu-se em meados do século XIX para se olhar ao espelho e verificar que o seu traje mediávicco, um tanto reformado pelo figurino de D. Maria I discordava profundamente dos moldes contemporâneos. Entrou então numa febre de rejuvenescimento que em poucas décadas a embelezou, se bem que á custa de muitos velhos monumentos. Todavia conserva ainda alguns dignos de serem vistos com vagar. Tais são: a Cathedral, templo magnífico e de fundação remotíssima, já existente no tempo da dominação romana, e que foi rectificado pelo Conde D. Henriques, o qual nele mandou construir o jasigo que havia de receber-lhe o cadáver. Como a Sé do Porto, também esta apresenta um amálgama de vários estilos arquitetónicos, devido ás sucessivas reconstruções que sofreu. Não obstante, vê-se com agrado, tanto mais que lá dentro se encontram verdadeiras preciosidades artísticas e históricas, entre as quais devem ser citadas algumas alfaias medievais, a pia batismal do século XVI, os túmulos do Conde D. Henrique e de Sua esposa D. Teresa, o do leal Martins de Freitas, o do infante D. Afonso — vergôntea débil que a morte amputou à frondosa árvore da inclita geração — e os dos arcebispos.

Hoje, os casos alindaram as fronteiras, a fedorenta viela chamada rua de água, fivela apertada nas festas de S. João da Ponte, e uma linda avenida que tomou o nome do histórico Marechal Gomes da Costa. E as netas das senhoras que no século passado saíam à rua acolitadas pelos projectos papás, saiem sós e vestem com elegância e desprezo dos formalismos categóricos.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrazedo

Amares

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, dia 10, passa o aniversário natalício da Sra. D. Almerinda dos Prazeres Fernandes.

No dia 11, o snr. Alberto Ramos Leite de Azevedo.

No di 13, o menino Jorge João da Silva Pereira.

No dia 14, o sr. Alberto António Rodrigues da Silva, residente em Lisboa.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e pede a Deus que esta data se repita por muitos anos.

Aniversário

Hoje, dia 9, passa o aniversário natalício do nosso assinante sr. Silvério Soares, natural de Barreiros, mas residente em França com sua esposa e filhinhos.



Ainda há pouco esteve entre nós em gozo de férias, onde visitou a nossa Redacção o que faz sempre que visita seus familiares.

Tribuna Livre felicita-o e deseja-lhe que passe um aniversário muito feliz junto de sua esposa e filhinhos.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

PROZELO EXIGE...

Que os milhares de visitantes encontrem quando lá cheguem para as suas orações e cumprimento de promessa por benefícios recebidos de quem recebeu do poder Celeste essa Regalia, que se montem sanitários condizentes com o movimento e também com a qualidade e sexo que os tem de usar, um fontanário que substitua a poça do Lata, de chafundo, sem condições higiénicas, e um lavadouro público para o povo não ir ao rio.

Ainda que à Câmara caibam algumas destas obrigações é natural, que a Comissão que arrecada as receitas das promessas, faça alguma coisa talvez até pudesse fazer tudo por que a Câmara não tem dessas receitas e das obras não vai tirar proveitos.

Um filho da Terra

VISITAS

José Anacleto Coelho Fernandes

Natural de Goães, veio de França cumprir uma promessa a N.ª S.ª do Sameiro com seu avô de 87 anos, que na sua companhia subiu o Zimbório do Templo a pé.

Esteve na nossa Redacção a apresentar cumprimentos o que agradecemos.

* * * * *

Também esteve entre nós, acompanhado, de sua esposa e filhinhos, o nosso estimado assinante sr. António Fernandes, natural de Fiscal, que embarcou de novo para França no dia 31 de Agosto.

Gratos pela visita à nossa Redacção.

ANIVERSÁRIO

Manuel de Almeida

Na próxima sexta-feira, dia 15, passa o aniversário natalício do nosso particular amigo sr. Manuel de Almeida funcionário da Viação Auto-Motora de Braga, natural desta Vila no lugar da Igreja.

Um grupo de amigos deseja ao sr. Manuel Almeida que passe um aniversário muito feliz junto de sua esposa e filhinhos e que esta data se repita por muitos e felizes anos.

Parabéns

«A RIVAL» — CASA DE PASTO DE

ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e Baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só A «RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

No Rescaldo da Pedalada

Chegou-se ao fim da 35.ª Volta a Portugal. Novamente Joaquim Agostinho foi o vencedor. Não há restrições a fazer ao corredor de fundo que tão bem sabe conservar o título nacional e subir ao pódio para receber os louros que bem merece.

Mas não podemos deixar de fazer referência, de prestar justiça aos bravos promotores desta volta. Haveria da nossa parte uma falta de verdade se não levássemos ao pódio essoutros homens que pelo esforço e abnegação não podem ficar no olvido. E como prova disto, do desportivismo de que o ciclismo é credor, e todas as outras modalidades devem deixar para segundo plano os clubismos, — temos os exemplos bem flagrantes de Joaquim Andrade e Fernando Mendes, querendo este último continuar, nem que fosse em último. Estes homens que foram os sacrificados nesta volta, pois no «Tour» viram-se pesadas e sofredoras desistências; estes dois ases da bicicleta deram provas de abnegado estoicismo, e de grande desportivismo, e que grande!

Todos lutaram para receber a camisola amarela, mas ela é só uma... Destes todos uns lutaram mais, outros menos houve luta conforme as posses. Se dessemos aqui o rol de todos esses, podemos garantir que o magro espaço a que nos limitamos no jornal não chegaria. Como impossível que é estou somente a preitar aque-

les mais destacados.

De molde, temos o benjamim Manuel Gomes. Este jovem de dezoito anos mostrou ter estoufo para grande velocipedista. Foi a bela revelação desta 35.ª Volta o russo de olhos azuis. É uma grande promessa este ousado mocetão Manuel Gomes, nóvel nos trilhos do ciclismo.

Outro grande que este ano fez «suar-a-bom-suar» os homens credenciados, a cujo nome se vaticinava ser o vencedor. Estoutro dá pelo nome de Joaquim Leite. Este lugar, vestiu-se de amarelo durante algumas etapas e tirada um dia por engano, reembolsada ao seu dono no outro dia, só veio a tira-la na noite quente, na noite do contra-relógio persiguição no velódromo do Estádio das Antas. Quis provar ao seu público que em próximas provas podem contar com ele para louros. Oxalá assim o seja, pois Joaquim Leite merece ter títulos para prémio da sua extraordinária humildade. É este homem que sendo todo nervos e músculos nos dá a impressão dum magrízela, mas não: é atlético respirando saúde e altruísmo.

Em suma: a lista é bastante curta mas assaz peremptória para confirmação dos altos valores e propulsores, dos ciclistas que os seus clubes podem mostrar, os seus adeptos aplaudir e... Portugal levar às grandes competições da orbe.

Sousa Gonzales

Crescente desenvolvimento da Comunidade Luso-Brasileira

Continuado da 1.ª página»

era comunista, ele não teve coragem para o fazer.»

Sobre a grandeza e a importância da Comunidade Luso-Brasileira, José de Campos Aragão teve estas palavras bem significativas:

«A Comunidade é tudo o que é português e Brasileiro e a sua base é a língua comum. Dentro de poucos anos — e isto é um facto que o mundo não pode ignorar — nós seremos duzentos ou mesmo trezentos milhões de almas falando a mesma língua. E dentro de

mais dez ou vinte anos esses países que hoje vos estão provocando, acabam também por aprender o português, porque o Brasil, Angola, Moçambique e o Portugal europeu, unidos, coesos e convictos, serão uma barreira difícil de romper.»

A união faz a força. Portugueses e brasileiros, trabalhando em conjunto, ligados pelo ideal de contribuírem para o engrandecimento dos respectivos países — serão uma grande força a pesar na balança do mundo.

Augusto de Oliveira

Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162

5.ª COLUMNA

(Continuado da 1.ª página)

um amigo. Ele é do Porto. Reside no Porto desde que nasceu. Um belo dia foi a Arouca. Pois perdeu-se por Arouca todos os fins de semana e, hoje que goza férias, está em Arouca. Podem perguntar. Mas que tem Arouca de extraordinário? Eu sei lá! O que sei é que ele perdeu-se (o termo é um pouco ousado) por Arouca.

Eu não me perdi por Amares. Mas também estou um tanto ou quanto afeiçoado. E só aí fui duas vezes ou três. Mas não interessa. Há uma coisa, nesta altura, que interessa: o artigo do nosso Alexandre Pereira, sobre a estrada Freixeiro-Caires, porque vem entroncar com aquilo que eu sei há largos anos sobre Freixo-de-Espada-à-Cinta. Tem graça e não ofende a coincidência de Freixo e Freixeiro. Ora vamos lá conversar, Leitor, sobre o assunto.

Quando se delineou, projectou e realizou a linha de caminho de ferro que seguiu até Freixo-de-Espada-à-Cinta, naquele tempo antigo, já o interesse sobrelevava todas as iniciativas. Os engenheiros projectaram a linha ferrea a passar no centro de Freixo. Mas alguns desses eram variados lavradores que tinham carros de transporte (de bois, claro) e ficavam prejudicados no frete que poderia vir a desaparecer e a prejudica-los financeiramente conseguiram que o projecto, por tralhas e por malhas, fosse modificado e, ainda hoje, a estação do caminho de ferro de Freixo-de-Espada-à-Cinta fica a 14 quilómetros da vila. A via ferrea dá uma imensa volta para chegar a tal distância, mas os lavradores daquele tempo, e hoje os camionistas, têm de proceder ao transporte da estação até à vila.

Se alguém provar o contrário que o diga, ou mesmo ao meu Leitor. Eu é que posso garantir que foi assim.

Por isso aqui fica mais uma achega para o protesto, aliás justíssimo, do meu confrade Alexandre Pereira, a quem rendo as minhas homenagens pela sua corajosa implicação no assunto da estrada Freixeiro-Caires. E espero que o meu Leitor concorde con n o s c o. Está bem?

EME ABRIL

Dr. Artur Eleutério Macedo
Ausente de 11-15 do corrente
CONGRESSO na SUIÇA

Corpos estranhos nos olhos

O que deve fazer num caso como este, que ocorre todos os dias?

Em primeiro lugar, não deixar o paciente esfregar a vista com a mão. Ao fazê-lo, ele corre o risco de que o corpo estranho produza uma autêntica ferida, tanto no globo ocular, como no interior da pálpebra, com o conseqüente perigo de infecção. Pelo contrário, cerrando as pálpebras e deixando actuar o fluxo lacrimal, este poderá arrastar, por si só, a partícula.

Quando isto não for suficiente, agarrar então as pestanas da pálpebra superior e, afastando-a, baixá-la até que se una com a inferior. Mantenha-a nesta posição por um espaço de segundos. Examine o canal lacrimal

para verificar se o corpo estranho foi arrastado até ali. Se assim for, chegue-lhe suavemente com um lenço limpo ou uma gase, para extraí-lo sem perigo.

Se, porém não o conseguir localizar deste modo tente examinar por debaixo das pálpebras, segurando-as e fazendo a vítima olhar para baixo e para cima, com a cara virada para uma luz boa.

Se o corpo estranho estiver inscrustado na córnea ou houver grande dificuldade em retirá-lo, bastará aplicar umas gotas de colírio ou de uma solução oleosa e colocar sobre o olho uma compressa de água fria. Procurar quanto antes assistência médica.

SALVÉ-11-9-72



Na próxima segunda-feira, dia 11, passa o 1.º ano de existência da menina Maria da Conceição Araújo Vieira filha do proprietário da «Rival» sr. Ernesto Vieira, e de sua Esposa D. Maria do Sameiro.

Felicidades, Sãozinha, e que este 1.º ano da tua existência seja o começo de muitas e felizes primaveras na companhia de teus paizinhos que vêem em ti o espelho da sua felicidade.

Aniversário

Ontem dia 8, festejou o seu aniversário natalício a sra. D. Adelaide Gomes da Silva, esposa do sr. José Abreu Dias, Funcionário da Sonap desta Vila.

Seus filhos desejam-lhe muitas felicidades e pedem a Deus que a conserve por muitos e felizes anos.

VENDE-SE

CASA / QUINTAL

No lugar de Além — Feira Nova — Amares

Falar a: — Armando Joaquim Dias

FARMÁCIA MARQUES REGO

Telefones para serviços

DF — URGÊNCIA

Casa de Saúde de Amares
Farmácia Pinheiro Manso
Guarda Nacional Republicana

62122
62127
62115